

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--28 de Julho-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

62

sempre

# five

semanário humorístico



Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFFICINAS**  
TEL. T. 152, 153  
RUA DA ROSA, 37

## Estendendo a "Tabaqueira"

Ed. no Sr.  
Rua de Alvarenga  
Rua 9.ª



J. Valença

—Val um cigarrinho? Garanto-lhe que não tem nicotina. O que podem ter é polassa, mas como isso até lho lava os palmões, espero que, com toda a força deles me dê um v/va, por eu ter acabado com o monopólio.



## Os ditos da semana



No céu surgiu um novo astro. Não diz donde vêm nem para onde vai. Gira como os outros. E, porque é novo, porque é um sol que nasce, já tem atrás de si uma coorte de admiradores. Os astrónomos estão todos de luneta em punho, embasbacados diante do novo astro, á espera de benesses, que é como quem diz á espera que ele se lhes revele sob qualquer aspecto, para nos impingirem a sua descoberta em troca de alguns escudos.

Mas o novo astro, que anda no céu como os outros e como os outros gira dentro da nossa orbita, é muito capaz de ser como os outros também: não estar para revelar-se. E vem depois o desilusão. E' sómente uma questão de tempo.

Quando esses esperançados astrónomos, que são pessoas pouco asizadas porque andam sempre na lua e com a cabeça no ar, se convencerem de que dali não vem coisa que geito tenha, hão de ser os primeiros a insultá-lo e, se não o apedrejarem, é porque bem sabem que pedras de astrónomo não chegam ao céu. E, pelo que se vê mesmo a olho nú, o novo astro não aumentou a luz do céu. E' um astro como os outros e se alguma diferença o telescópio pode descobrir, essa mesmo é desprimorosa para o novo inquilino do céu — ser reconhecidamente mais pequenino do que os outros e isso basta para que os antigos avultem e pareçam gigantes.

Tudo no universo se rege pelas mesmas leis naturais. Em todo o caso, sempre ha um momento de triunfo: é o o da aparição. Abrem-se os olhos para vê e as bôcas para aclamar, mas como ninguém descobre razões para aclamar, entram as moscas de tropel zumbindo maldições.

Pelo sim, pelo não, viva o sol e a lua, que a gente já os conhece e já sabe como eles são. Para defesa do sol basta um chapéu do dito e da lua ninguém se defende. Fazem-lhe versos os poetas e ladram-

lhe os cães, sem que a lua se comova, por estar fartinha de saber que os poetas, como os cães que ladram, não mordem.



Vamos ter uma mulher na aviação. Nada mais justo e nada mais logico. Desde que a mulher invade a esfera das atribuições dos homens, disputando-lhes os meios de vida pelos escritorios e repartições do Estado, é justo que lhes dispute também os meios de morte.

A mulher não nasceu apenas para se deixar amar e escrever á maquina, com duas gralhas em cada palavra. A mulher não veio ao mundo sómente para arrepelar os cabelos da sua semelhante em

rixas de amor e de ciúme, veio também para que as raças se perpetuem segundo a bíblica determinação, mas, a certa altura do correr dos tempos, meteu-se a usurpar os direitos do homem, a invadir o seu campo de acção. E a gente foi-se deixando ir.

Só uma vez, desde que o mundo é mundo, a mulher se mostrou liberal e deu, em vez de tirar: foi no paraizo terreal, quando dividiu a maçã com o pai Adão; mas bem sabia ela quanto aquela maçã havia de amargar ao nosso primeiro pai. Saboreou Adão a maçã, mas ainda mal não tinha engulido o ultimo bocado, já um anjo da guarda republicana daquele tempo lhe intimava mandado de despejo.

Mas para que hão de as mulheres meter-se nas nossas atribuições? Para que que-

rem elas meter-se a ser o que nós somos?

Dêmos-lhe nós porventura alguma vez o exemplo? Já algum de nós por acaso pretendeu usurpar-lhes o direito de ter os filhos?

Só a aviação, porque é um meio de morte, deve ser campo aberto á actividade feminina, comtanto que todas as mulheres se alistem na aviação marítima. Assim sempre nós teremos o prazer de as vêr caminhar para o Bom Sucesso.



A Igreja acompanha o progresso. Desde Leão XIII que a Igreja saiu daquele conservantismo impenitente que a deixara ficar tantas vezes mal colocada perante as descobertas da sciencia. Leão XIII avançou mesmo até o ponto de admitir o socialismo catolico, com o fundamento de que a Biblia encerra todas as verdades conhecidas e que venham a conhecer-se.

E porque a religião anda assim numa corrida de Maratona com o progresso, substituiu-se a cêra dos altares pela lampada electrica e a agua benta pela agua de Lourdes e de Fátima.

Para que ninguém deixasse de ter a sua padroeira, empregaram-se alguns santos sem trabalhos em patronos de varias criações da sciencia e da temeridade humana. A aviação quiz uma patrona e chamou Nossa Senhora do Ar. Os *chauffeurs* quizeram um protector e foram buscar S. Cristovão, que já estava reformado. E ainda ha nos agiologios muito pessoal á boa vida e muita industria nova sem padroeiro.

Mas as nomeações vão fazer-se. Para a telegrafia sem fios vai Nossa Senhora da Onda, para a electricidade Nossa Senhora da Faisca, para a fotografia Nossa Senhora da Chapa, para o gramofone Nossa Senhora do Disco e para o animatografo Nossa Senhora da Fita.

## MODOS DE VER



**Ela: — Você deve ter um grande desgosto em ser assim?**

**Ele: — Pelo contrario, minha rica senhora... V. Ex.<sup>a</sup> é que ficaria bastante arrelviada...**

**HUMORISMO NO ESTRANGEIRO**



O maître d'hotel:—Desculpe, mas não se pode entrar na casa de jantar com embrulhos.



—Afinal o que vem a ser o galinheiro?  
—E' um lugar onde se vende galinhas e apanha peruas...



A mulher do veraneante:—Como tu suas, Sidonio!  
—Suo por pensar o calor que estará fazendo em Madrid.



—Perdão, cavalheiro. Não o incomodará que eu tussa um pouco.



—Meu caro senhor, a sua filha autorizou-me a vir pedir-lhe a sua mão.  
—Já sei. Quer-se vingar de eu não lhe ter querido comprar um automóvel.

**HUMORISMO DE HAMEL**

**A herança d'Eleuterio**

O bom do Eleuterio Vidinha, boémio impenitente e incansável, émulo do nosso Stuart, deu upos de contente, qual galgo farejeiro, ao saber da morte da sua adorada tia — viuva de três maridos que lhe tinham deixado fartas somas e, burguêsmente, haviam incutido nela o gosto mais bom achado e o respeito mais venerando e venerador pelo culto da família, pintada em custosas telas de grandes artistas de todos os tempos e nomes. Ela lhe legava perto de duas centenas de contos em papel estampado do Banco emissor e as pinturas dos mestres que ornavam o seu rez-do-chão (que ela era forçada a habitar por motivo de pouco poder tropear em virtude de dificuldades da respiração ofegante) da rua das Escolas Gerais. Eleuterio não cabia em si de satisfeito por lhe ter caído isso em casa, que por sinal era uma alta água-furtada, onde propriamente só se podiam tirar os pingos de suor na estação calmosa...

Uma primeira decepção, contudo, o esperava no Registo Civil, onde o testamento foi aberto e lido com a gravidade devida em tais circunstancias, fazendo sciente ao feliz herdeiro que a galeria legada não ia além expressamente das pinturas representativas dos membros da sua família.

Se a surpresa fosse só essa! Mas, essa restrição da legataria era imediatamente seguida duma outra mais

para a tua dedicação fraternal. Aconteceu-me uma grande desgraça: a cabeça do tio Epaminondas está crivada de sujidades (ele disse outro termo que o presado leitor, não sendo retrato a óleo dos Epaminondas, não mereço ouvir) de moscas e os diferentes membros da minha família, de quem eu todos os dias devo vêr os traços respeitáveis, foram mais ou menos atingidos pelos efeitos desta diarreia volante. Vale-me nesta aflicção. Tira-me do perigo em que me encontro, a todo o custo. Quando te falo em custo, exprimo-me muito mal, visto que o que eu quero dizer, pelo contrario, é que me prestes este pequeno serviço sem custo algum para mim.

O Rocha da Costa, de quem a principal virtude era estar sempre com sede, contratou por uma vintena de escudos, acompanhados duma dezena de copinhos. E, em menos de oito dias, acabou a obra de limpeza; as sujidades haviam sido destruídas a solidas pinceladas de virtuosidade, que passavam por elas como um furacão. No entanto, o refrigerio de Eleuterio fora substituída por uma comoção penosa: a parocença de todos esses retratos desaparecera, findara ao mesmo tempo que o trabalho do reparador aos copinhos.

E quando o executor testamentario veio efectivar a sua habitual visita de inspecção ao cemiterio pictural, exclamou,



cruel ainda para o nosso erradio homem. Uma clausula formal impunha terminantemente ao herdeiro de velar a rigor pela conservação e arranjo desses retratos. Não poderia, legalmente, gosar essa fortuna senão com a condição expressa e unica de que os quadros conservassem uma douradura immaculada, que destras camadas de verniz tinham de ser, a seu cuidado, applicadas periodicamente ás telas, de maneira que nem a mais leve falta de cor fosse susceptível de apparecer nos rostos solenes dos seus antepassados. Eleuterio ficou passado: passou-lhe pela espinha um calafrio de cáldio pavôr ao saber que, além disso, um executor testamentario ficava encarregado de fazer cumprir, á risca, sem clemencia, todas as ultimas disposições da defunta, inexoravelmente, á maneira de Francisco Valença.

Ora, no regresso duma optima viagem, de companhia tambem com o dinheiro da tia, que digressionava nos céus, Eleuterio caiu-lhe a alma aos seus pés, dele herdeiro da irmã de sua mãe, e quasi morreu tambem de desgosto e consternação. Uma constelação de sujidades de moscas tinha, sombando do envolvero de gase, atingido todas as pinturas, todos os retratos, notadamente o do tio Epaminondas, cujo rosto parecia haver sido picado das bezigas.

Que se ha de fazer? Eleuterio teve uma luminosa inspiração. Recorreu, a toda a pressa, a um principiante de pinta-monos da sua amizade, que ele achava dotado dum talento sem igual, visto reputar facil o engenho de Amarelhe, e arengou-lhe assim:

—Meu caro Rocha da Costa, apelo ao mesmo tempo para o teu génio e

mou, agarrando Eleuterio pelo casaco e mostrando-lhe a ma certidão do notario Teotonio Féria:

—E's um miseravel Assassinate os teus parentes, ignobil individuo. Vou promover uma acção contra ti! Eu te contarei!

«A questão dos retratos» foi largamente debatida nos tribunais — as custas não são custosas para eles! — que condenaram Eleuterio a fazer restabelecer a parocença dos seus maiores por um pintor que não fosse de monos, sob pena de ser privado do beneficio do testamento feito a seu favor.

Por graça de Rocha da Costa, caíra em desgraça. Não querendo saber mais de graças, o nosso desditoso homem, cumpriu a sentença de boa graça, mas sem a dita para o seu capital, visto que as pinturas foram acedidas por um celebre membro da Academia de Boas Artes, que limpou a Eleuterio uma quantia equivalente pouco mais ou menos á que lhe havia deixado a sua «velha e maldit tia»!

A' antiga, conselho ou moralidade do dito em combinações verbais:

Por causa das moscas, não de'xeis nunca a humanos a lembrança da conservação da pureza de qualquer coisa, pois tudo está sujeito ás contingencias das ditas; e moscavai-vos sempre dos que pintados não resistem aos que se pintam por repararem o passado, que é uma pintura que nem mesmo ás moscas pode gratuitamente ser reparavel pelo mais pintado...

**José PARRERA.**

**HUMORISMO NO ESTRANGEIRO**



—O quê? Limpando a espingarda ao meu sobretudo?  
—Não estou limpando. Estou engraxando.



—Mas então neste hotel não ha casa de banho?  
—P'ra quê? No verão está ali o mar e no inverno quem é que cai em meter-se dentro d'agua?!



O pescador:—Que pena! Não pica nem uma sardinha.  
A esposa:—Serão essas, porque as de lata todas picam.



—Lindas pelos! Quanto te custaram?  
—Três ataques de nervos...



—Onde vaes a correr?  
—A minha mãe disse que ficava á minha espera para me dar uma taroia...  
—E tanta pressa tens?  
—E' que tenho medo que o meu pai chegue primeiro a casa.



# TEATRO



«RETROZ PRETO...»

## Safanela e Amarante

O cartaz do Trindade anuncia uma peça que, sem ser excessivamente dramática, tem o seu quê de simbólica. Intitula-se um *Plano Fantástico*.

Mas qual, Erico? O da temporada de verão, á sombra dum loureiro ridente...

■ ■ ■

OS *Miscráveis* estão sendo, ao mesmo tempo, representados no Nacional e exibidos em três animatografos de Lisboa.

O que fazem as autoridades para enfrentar este terrível problema da mendicidade?

■ ■ ■

A companhia Maria Matos tem todas as noites o seu *Bom Sucesso*.

E ainda ha quem duvide da vitalidade da raça!...

■ ■ ■

PORQUE será que os anuncios da *Maria-Rapaz*, publicados nos grandes quotidianos, tem diminuido sensivelmente de tamanho e de eloquencia?

Dar-se-ha o caso que o publico recuso á ladina criança os indispensaveis *pacotes* do farinha Nestlé?

A ser assim, só ha um remedio: — apelar para a Misericordia!...

■ ■ ■

NA semana passada, exhibiu-se num cinema *O Mucacão de Bagdad*.

Para que ir tão longe buscar um animal tão vulgar entre nós?

■ ■ ■

ANDA nas ruas, puxado por uma pacifica alimaria, uma alegoria do *Cosido á Portuguesa*, que tem o seu interesse e o seu caracter. Em pé, sem ser em carne e osso, mas em papolão, vê-se o empresario Almeida Cruz, numa elegante casaca, oferecendo ao publico o seu prato predilecto. A rematar o quadro, uma latada idilica, virgom de cachos.



### Uma agua-pé mais rendosa do que o proprio champagne

A julgar pela casaca, ha quem tenha confundido o anuncio da revista com um réclame á alfaiataria dos Armazens do Chiado.

Pergunta-se: quantas casacas já foram vendidas naquela estabelecimento?

■ ■ ■

NUMA revista, cujo titulo vem

fôra do tempo, ha dois artistas que fazem vinte papeis. Dez cada um.

O vigesimo primeiro podia-se chamar: «Uma fabrica de Papel do Prado para uso exclusivo dos empresarios»...

■ ■ ■

NAO são apenas os jornalistas que abusam dos adjectivos. Lemos outro dia, a seguir á *première* duma revista, que o espectáculo tinha sido *incomensuravel*.

Só isto?

E' pouco!

Lemos tambem, num jornal da tarde, um réclame á mesma revista, onde a facada ao colega de baixo era explicita e visivel. Ha pretos com tão maus figados!... Qualquer dia friguemos cá na gazeta umas iscas de cebolada a seu respeito, que são mesmo um apetite... Se não fizemos ainda a vianda foi para não estragar o paladar do leitor...

■ ■ ■

HA autores que teem um raro talento para escrever o que não é da sua lavra. Mas porque razão não aparecem sóinhos? *Desunidos!* Talvez assim não criticassem por detrás o que aplaudem pela frente.

Viva a sinceridade! — para não dizer outra coisa.

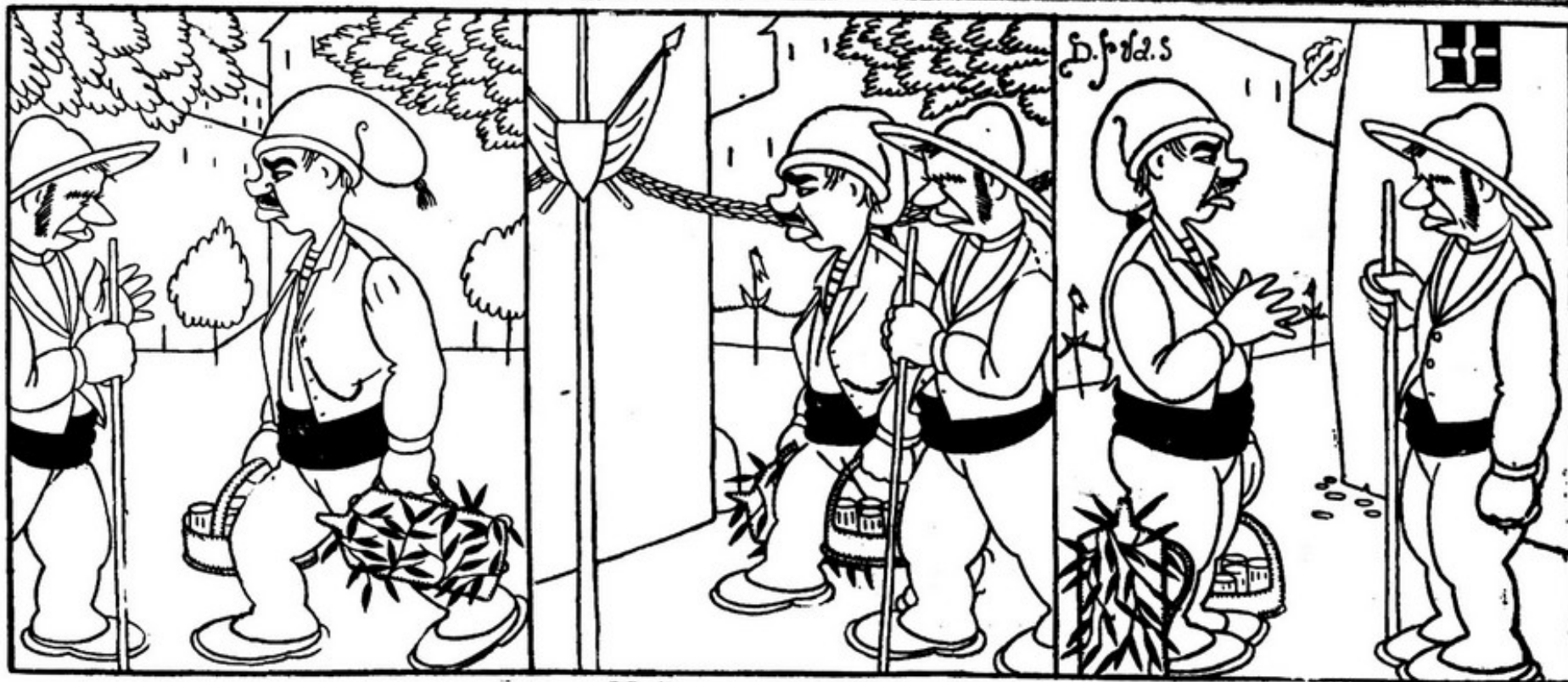
■ ■ ■

JÁ chegou a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, que fez nas ilhas uma larga *tournee*.

Felicitemos os artistas pelo exito da *tournee* e pelos cumprimentos que nos enviaram de lá...

Quando é que o Robles se cura da amnesia?

### O Homem das 5 horas



—Então, amigo, como corre o negocio da limonada?

—Ótimo! com este calor não ha ninguém que lhe resista.

— Pois então já que você está tão rico e não lhe faz falta o dinheiro, póde fazer um favor a um amigo... Era emprestar-me 5 escudos.

— Isso não pode ser. Tenho um contracto com o Banco de Portugal pelo qual eu não posso emprestar dinheiro nem ele vender limonada.



### Parente á força

O D. Rui d Camara, bacharel em direito e cavaleiro tauromaquico, fidalgo como os melhores, talvez porque o é de verdade, nunca foi pessoa que se preocupasse com os seus pergaminhos.

No tempo de Coimbra, acamaraudou sempre democraticamente com toda a gente, sem que nunca ninguém lhe ouvisse falar dos seus antepassados. De touros, duma esturdia rija em Sintra ou em Cascais, falava com frequencia, sempre cheio de entusiasmo, mesmo quando era para descrever uma celebre tourada em que tomou parte, na Praça de Sintra, e onde partiu a cabeça. Dos seus braços, dos seus avós illustres, nem uma palavra.

Mas tinha D. Rui da Camara um condiscipulo que o massacrava continuamente com a pretensão de ser com ele aparentado. E então desafiava o pobre d'abo toda uma historia genealogica, capaz de fazer inveja ao sr. Perry Vidal. D. Rui fugia-lhe quanto podia, mas, como o habito de lidar com touros não lhe fizera perder os bons habitos de lidar com gente, lá o ia aguentando delicadamente, mas sempre muito contrafeito. E o outro, como todos os massadores, não compreendia o desinteresse de D. Rui da Camara por aquele parente que á força lhe queria entrar na familia e continuava com as suas preleções heraldicas, massudas, tolas e mentirosas, porque, ao que parece, o unico parentesco que os ligava derivava de serem ambos decendentes do pai Adão, se é que o outro não vinha, por portas travessas, confirmar a teoria de Darwin.

Uma noite, D. Rui foi dar ao restaurante do teatro ahi por volta das duas da madrugada. A sala estava quasi deserta. Apenas, numa mesa do fundo, o dr. Quim Martins coava com um amigo, ambos muito interessados em devorar o perú frio com champagne, que era a ceia habitual do velho artista e velho boémio que todos recordam com saudade.

D. Rui sentou-se junto do balcão e pediu cerveja e ainda não tinha sido servido quando lhe apareceu o outro. Aponas entrou a porta, começou logo o discurso do costume.

—Sabes uma coisa, oh Rui, afinal eu ontem estava enganado. O meu quinto avô, D. José de coisas e tal, não era primo, mas tio do teu sexto avô, D. João de tal, e foi um filho desse meu avô, D. Jorge disto e daquilo, que casou com D. Mécia, filha dos primeiros condes da Ribeira, que tiveram uma filha chamada D. Joana, que por sua vez casou com o meu avô, José dos Anzóis de coisas e tal.

D. Rui da Camara já não podia mais. Uma dissertação daquelas ás duas da madrugada, em cima de uma cerveja, era de atirar com o homem mais prudente para a cabeça dum touro e então explodiu, atirando com a caneca para cima do balcão:

—Apre! Não me fales mais de zoologia! Caramba!

## A NOVELA DO "FIXE"

# A historia dum bico

Não sei se vocelencias sabem que eu já fui conspirador... E de que categoria, santo Deus!

Fui conspirador antes do 5 de Outubro... Fui conspirador duas léguas giratorias de mostrador do relógio, antes da data gloriosa.

Eis como se passou o caso:

Habitava eu num terceiro andar, predio de quina, casa comprida portanto, com um corredor enorme.

O meu escritorio era justamente na parte angular da casa, aonde, suspenso sobre a minha mesa de trabalho, tinha um bico quer vulgar de Lineu, mas com a vantagem de se poder fechar em lamparina. Quando intervalava os meus trabalhos, levantando-me da carteira, por economia, puchava um pequeno anel de metal, diminuindo a luz.

Uma vez saído do meu escritorio, raras vezes fechava a porta do corredor, o que, com a janela entreaberta, originava quasi sempre uma agradável correspondencia no verão. Claro que, com a tiragem, a lamparina do bico latejava, fazendo crescer e diminuir, de espaço a espaço, a pequena luz prateada.

E' este o primeiro capitulo.

\* \* \*

Durante os meus afazeres quotidianos, eu, na rua, a toda a hora, quer no Alto do Lima, quer em Belem, quer no teatro omfim, em toda a parte comecei a topar com um sujeito de varino, pele de coelho na gola, bengala, bigodeira e chapéu mole.

Mais tarde notei que, quando saía de casa, o meu homem lá estava, ao longe, na quina do passeio, e, quando recolhia, fosse a que hora fosse, ao entrar a porta, eu olhava de soslaio e lá vinha ele, sorrateiramente, a vigiar-me.

Nos primeiros dias achei piada, mas, com a continuação, já me sentia mais do que arreliado.

Arranjei um policia particular de informações para saber o que o ho-

mensinho queria de mim e essa policia foi capitaneada pelo meu merceiro, á loja do qual o homensinho ia, de vez em quando, beber dois...

Um belo dia recebi um bilhetezinho, escrito em papel manteiga, do chefe particular da minha policia, que dizia o seguinte:

«O senhor anda seguido pela policia porque todas as noites faz sinais para o quartel do Carmo.»

!!! Caf das nuvens!

Eu conspirador!!! Eu republicano de acção antes do 6 de Outubro, quando só o tenho sido até á data do meu ideal!

Quem me teria arranjado aquelo par de botas?!

E, sem hesitar, resolvi procurar o comandante da policia desse tempo e meu particular amigo, que me disse:

—Meu caro, o caso é bicudo... Da sua casa consta que se fazem sinais semaforicos para o quartel do Carmo. O caso é realmente bicudo!

A' deixa bicudo lembrei-me do bico quer do meu escritorio e, dali mesmo, levei uma credencial do comandante para o meu bufo perseguidor, a quem convidei a subir a minha casa o mostrar-lhe as intermitencias da luz em lamparina, motivados pela correspondencia do corredor.

A janela do meu escritorio olhava para a torre do quartel do Carmo, aonde havia uma luz que, por acaso, fazia as mesmas evoluções!!!

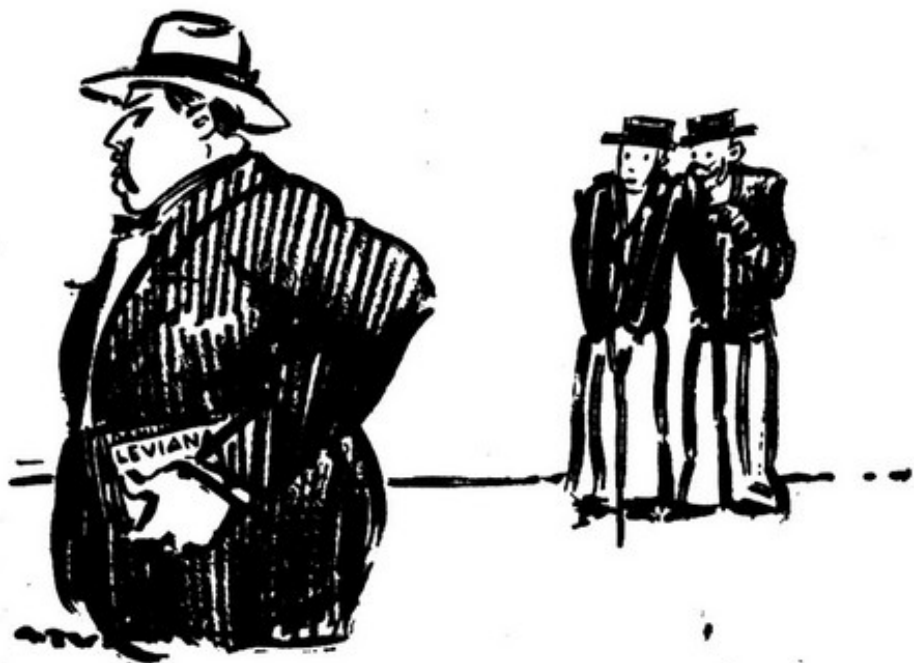
... ..

Assim, este caso do bico foi tão bicudo que o meu bufo, depois de convencido, passou pela minha garrafeira e ali apanhou um bico tão grande que não tinha comparação com qualquer dos das cegonhas do Jardim.

Dias depois fizera-me cidadão republicano...

(E, por ser verdade)

José Barbosa.



— Quem é aquele?  
— E' o Antonio Ferro, que foi condecorado pelo rei de Italia.  
— Que ferro ha de ter o D'Annunzio!

# Fitas faladas

Sem consideração nenhuma pela sensibilidade nervosa da assistencia smart que lhe costuma encher a sala desde a nicolina até á vertigem, o Tivoli exhibe filmes que, no capitulo neurologico, são de molde a arripiar os nervos dum bife de vitela. Primeiramente talvez para animar a novissima corrente de meninas que querem avoar, aviando-se a tirar o brevet de aviação, corre um documentario do celebre raid Cobham-Elliott: De Londres á Cidade do Cabo em aeroplano, que ia dando cabo de todos os planos da mocidade feminina que quer imitar os malondres dos pilotos-aviadores.

Apesar das ineditas paisagens que o habil operador da Gaumont, que acompanhou o De Havilland 50, nos soube dar do maravilhoso vôo, o publico chegou ao cabo da viagem ao Cabo, tão acabado como se tivesse ido ás do cabo com um cabo de forçados. Se lhes parece! Seis partes de avião, sem escala pelo bufete!...

Basilio Emmot, operador, conseguiu fazer uma coisa que, sob o ponto de vista scientifico, se pode consi-



RETARDADOR

BARTLETT (Armand Bernard) derar um verdadeiro cumulo: operan as cataratas... de Vitoria, no Zambeze!

A outra fita é em cheio, pois consegue bater o record de aquecimento central que, até aqui, era sustentado pelo Varietades. A Máscara de Oiro é uma óptima produção austriaca, em que se desenrola um drama, real, no dizer da legenda, capaz de pôr em pé, numa atitude respeitosa, os cabelos dum pécego... careca.

Trata-se da historia de Valette que, por sinal, é uma dama... de copas, bastante bonita... Naldi, que, conforme ella propria o declara, não tem por costume comer (sic) mancoes desdenhosos. Afinal de contas, o Igo Sym—contigo, sim, podem fazer-se fitas—é comido por tolo, o que lhe custa uma destas camadas de apoplexia que deixam um homem coxnho de todo.

A verdadeira acção do filme decorre sómente num curioso comboio do Prater... Mayer de Viena, durante uma viagem de cinco minutos... que dura nove partes. Se não soubermos, desde tempos imemoriais, que o pensamento é mais veloz que o Raio do Fred. Thomson, chegava a parecer impossível que o Cristianosinho de Basnia tivesse tempo para pensar tanta coisa antes do suicidio. Mas, felizmente, tem, o que nos dá ocasião de ter o prazer de ouvir a solo a D. Regina Cascais e de ter o desprazer de ouvir a Marquita, tanta vez, que é licito suspeitar que anda por ali réclame á Benamor.

Como, no cinema, não ha mal que sempre dure nem fita que não acabe, Mary, a bilheteira, —desculpem V. Ex.ª ainda não ter falado na bilheteira, mas, se eu contasse tudo, não tinha graça,—realiza o milagre nas perninhas do conde, que fica tão são e escorreito como este seu criado e, ainda por cima, com a Anny Ondra a substituir-lhe as muletas e a carripana. Sempre ha apoplecticos com muita sorte!

Retardador.

Sortes grandes? só o PINA se vende 76 - Rua de S. Paulo - 77

CANÇÃO NACIONAL

VILA DO CONDE

A meus primos-irmãos José Maria e Dr. Pereira Junior.

*A capelinha da Guia, que p'lo mar, além, se esconde, é uma Santa Vigia da linda Vila do Conde.*

Como por encantamento dum sonho belo e suave, nas aguas do Rio Ave vê-se a imagem dum Convento. E, enlevado o pensamento como em artes de magia, numa visão que extasia, qual noiva de branco véo, a olhar o Mar e o Céu, a capelinha da Guia!

Tem na praia, por defesa, surgindo d'entre as areias, invulneráveis ameias da rochosa fortaleza. — Onde vai na incerteza aquele barquinho? Aonde?... E logo o céo te responde: — E' a Raça, o seu Valor, é a alma do pescador que p'lo mar, além, se esconde.

Dos vilros em traquinada, nascem rendas caprichosas, feitas por mãos preciosas duma encantadora fada! A tarefa terminada, Vai-se a luz... Bomdiz-se o dia, Vibra o som da Ave Maria, na torre, o sino dolente que, da Fé do povo crente, é uma Santa Vigia.

Assim vive entre a riqueza da sua Flora perfumada, entre a onda encalpelada e o gargalhar da represa. Outra igual, tão portuguesa, ninguém vê por mais que sonde. Terra que a Esmola não esconde por vulgar fraternidade! — Assim é a realidade da linda Vila do Conde.

José Barbosa.

O ESPIRITO DOS OUTROS

Comparações

— Em que se parece uma sopoira com um touro?  
— Em que ambos vão á praça...

\* \* \*

— Porque se parece uma nota de mil escudos com um policia?  
— Porque quando são precisos não aparecem...

\* \* \*

— Em que se parece a agua-pé com a chuva miuda?  
— Em que uma parece que não embebeda e a outra parece que não molha.



— Aonde vai aquele «Papo-Séco»?  
— Vai chamar o Herbert Dias ao Modern Office para arranjar a maquina de escrever, pois é o unico que concorda com a maxima rapidez e competencia.

«A Barricada»

Um quadro dos «Miseravels» compreendido por um espectador ignorante

Logo que o passo subiu, estive quasi para abandonar a sala, porque julguei que tinha eclodido um movimento revolucionario genero 7 de Fevereiro. Afinal tratava-se duma scena da peça Os Miseravels.

Antes do inicio do combate, os revolucionarios discutem acaloradamente o facto da barricada ser de papel e, portanto, haver o perigo de aquilo tudo se incendiar. Sentado á esquerda, estava o Carlos de Sousa mascarado de velho e parecendo muito aborrecido com o papel que lho impingiram. Eis senão quando, a sr.ª D. Adelina Abranches, que eu reputava, pela sua idade, uma senhora de juizo, aparece imitando um ó Graza! Deu pancadinhas a alguns revolucionarios, chamou pela Dona Liberdade e, como ela não apparecesse, foi á tasca beber dois tintos.

Quando os espectadores estavam quasi a dormir, veio perturbá-los um tiro de infantaria, com estampidos identicos aos produzidos pelas bombas de S. João. Pum! Pum! Pum! Pim! E' certo que alguns pareciam mijarêtes...

O Carlos de Sousa Alfarrabista acordou assustadissimo e, depois de saber as causas daquello barulho, amarinhou por um mastro com a altura de 15 metros, foi vêr se a bandeira era nova e, por fim, atirou-se de cabeça... para cima dumas sacas de farinha, na intenção de continuar o seu interrompido sono. Dois miseravels comparsas, percebendo que o palco não era local proprio para dormir, levaram-no em charola para o camarim. Novo tiro de infantaria, onde as espingardas pareciam peças de fogo d'artificio. O sr. Calazans apparece falando pelos cotovêlos e a certa altura zanga-se com a demora do sr. Ribeiro Lopes no camarim. Mais pins, mais pans e mais puns!

Um soldado, para mostrar a sua valentia, aproxima-se dum miseravel adversario e, á distancia de meio metro, apontando-lhe a arma por cima da cabeça, dispara e o homem teve uma morte tão tragica que me dou a impressão que tinha o diabo no corpo.

Como o tiro de infantaria não cessasse, apparece o sr. Alves da Cunha avisando que, se aquilo demorasse muito, o sr. Antonio Ferro recusaria a condecoração italiana, o sr. Artur Portela adormeceria no seu fauteuil suplementar e cairia para cima do meu papá, que a seu lado estava farto de chorar, recordando naquela scena a heroica figura que fez na revolução

de 5 d'Outubro e que a policia, como já passava da hora, era capaz de o prender, mantendo assim a ordem naquella enormissima desordem!

O Calazans disse que aquilo tinha zorda para pouco tempo, mas, para o contradizer, apparece o sr. Carlos de Oliveira a saber se podia ir para a rua Francisco Sanches. Conversa dum lado, conversa do outro, e a D. Adelina, que andava atravessando o palco, não sei se apanhando cartuchos ou pontas de cigarro, chama quatro miseravels comparsas e prende o pobre do Carlos de Oliveira, acusando-o de desleixado por andar tantos anos com o mesmo fato. E tal acusação era um facto!

O infeliz Carlos desculpou-se e pediu por amor de Deus que o não demorassem mais, pois recoava perder o carro electrico e era pobre para ir de taxi. O sr. Alves da Cunha protestou, afirmando que quem mandava ali era ele, visto ser o empresario. Atendendo a que o Carlos de Oliveira era bom tipo e tinha inventado um elixir para conservar sempre a barba e cabelo da cor do carvão, foi solto, pelo que ele em alta voz disse que o empresario era uma joia e uma alma bondosa.

Mais tiros e muita algazarra. D. Adelina, para abreviar aquilo, morro a cantar. O tal Mario, que tambem se chama Ribeiro Lopes, foge por um alçapão com o empresario, não vá ele morrer sem pagar o ordenado!

Nesta altura entra a policia... ou por outra... a tropa, que traz roupa de franceses. O Calazans entrega-se á prisão e afirma mui sensatamente que um dos autores daquella desordem e de tal desastre foi ele.

Os soldados apontam as armas e, com o mesmo respeito, tapa a face esquerda com a bandeira, não vá uma faisca queimar-lhe o olho. Para mostrar a que ponto chega a sua heroidade, dá vivas á Liberdade... enquanto os braços e a bandeira tremem nervosamente. A desocarga parte e o pobre do Calazans morre. Lá dentro a musica toca. Uma formidavel explosão estremece todo o teatro, fazendo empalidecer o infeliz Almeida Garrett. O cenario parece incendiar-se e um predio cai nos quadradinhos. O pano, comovido, caiu tambem.

E quando eu caí em mim, já estava num carro electrico, da carreira Rossio-Graça, a caminho de casa.

Rocix.



— Para onde vais tu tão apressada?  
— Vou-me raspando antes que appareça por ahí a D. Miquellina, da «Sociedade Protectora dos Animais», que dá cabo de mim com «Flit».

A Maria dos Prazeres e os elevadores Falconi

D. Felicidade A. Dias havia já uma semana que estava sem criada e resolveu pôr um anúncio.

No dia seguinte, bateu á porta de D. Felicidade uma rapariga aparentando 25 anos, simpática, muito parecida com o dr. Ramada Curto. D. Felicidade encetou logo o interrogatorio.

— Como se chama?  
— Maria dos Prazeres.  
— Tem primo na Guarda Republicana?  
— Não, minha senhora. Tenho só na Guarda Fiscal e tem péra, porque é muito amigo do dr. Afonso Costa.

Nesta altura, a sopoira interrompeu o interrogatorio para tambem fazer uma pergunta.

— Quantas pessoas são?  
— Duas. Eu e meu marido, general A. Dias.  
— A escada tem elevador?  
— Não tem.

— Então não me serve, porque isto de andar escada abaixo escada acima pode fazer-me um esfalimento. Nas outras casas onde tenho servido, todas tinham elevador Falconi, que os meus patrões compraram na Rua de Santa Justa, 79, so para que eu me não cansasse.

— Estava arranjada, commentou D. Felicidade. O ordenado de meu marido não chegava para comprar um elevador Falconi.

— Qual! Minha senhora! São muito baratos. — Vocemecê parece que tem interesses na casa?

— Credo! Mas a verdade deve sempre dizer-se. Os elevadores Falconi vendem-se as duzias na Empresa Electrica de Lisboa e, se me quiser cá, tem de mandar pôr um elevador.

E o que é facto é que D. Felicidade fez a vontade á sopoira e são muito felizes.

Cafés que envenenam

Ha meses que eu notava que o meu amigo Ipeirão Jota passava as noites num dos clubes de Lisboa. Notava tambem que emagrecia a olhos vistos. Com o seu feitio concentrado, jamais tinha conseguido arrancar-lhe a razão daquelle abatimento. Um facto, porém, tornou-se-me notavel. Ipeirão, de meia em meia hora, dirigia-se ao balcão e ali ingeria uma chavena de chá e, alternadamente, uma de café. Ora, chegando o meu amigo ao clube ás 10 da noite e saindo ás 6 da manhã, emborcava oito chavenas de chá e outras tantas de café. Estava achado o X da questão.

Ipeirão estava intoxicado. Na minha qualidade de quimico, fiz a analise das referidas bebidas e constatei que tinham misturas pavorosas. Desde o grão espanhol ao feijão patareco, com escala pela fava e barbatanas de bacalhau, de tudo havia menos café. Mostrei a analise que fizera e Ipeirão ficou com os cabelos em pé de café. Então disse-lhe:

— Tens um melo de te salvar. Vai á Perola do Rossio, 105, donde eu gasto, e adquiere café e chá, como não ha em parte alguma, acompanhados com bolachas, que são uma especialidade. Prova tambem o cacau e os chocolates que la se vendem e bebe ao jantar os vinhos finos da mesma casa.

Ipeirão cumpriu á risca o meu conselho e hoje está gordo e corado, dorme bem toda a noite e, quando eu lhe falo no tempo das insónias, ele responde:

— Devo-te a vida, a ti e ao Morais da Perola do Rossio, 105.

Sortes grandes 7 só o PINA as vende 75 - Rua de S. Paulo - 77

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

SERVICÓ DE ARMAZENS

Fornecimento de 1:012 toneladas de oleos minerais diversos

No dia 10 de Agosto, pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 1:012 toneladas de oleos minerais diversos.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens da Divisão do Material e Traction (edifício da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 ás 13 e das 15 ás 17 horas.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 12 de Julho de 1927. — O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal

Admitem-se colchoeiros nas officinas desta companhia. Para tratar dirigir-se á repartição de gabinete desta divis. o em Santa Apolonia. — Lisboa, 19 de julho de 1927. — O engenheiro subdirector, Lima Henriques.



— Sim...Itaneamente com os arropios de frio, não senti bater os dentes fortemente?  
— Não lh'o posso dizer, doutor. Tinha-os em cima da mesa do cabeceiro...



# Os amigos dos automobilistas e as "pannes"

Escrever nesta época do ano sobre desporto em Portugal constitue uma tarefa semelhante á de fazer sopa de pedras.

Morto o foot-ball, o publico passou a preocupar-se com os touros de morte. E as figuras mais desportivas do momento são o sr. governador civil e o sr. Ferreira do Amaral. Este ultimo está-se até treinando conscienciosamente para, no proximo domingo, marcar oito formidaveis goals ao team da Sociedade Protectora.

Os outros desportos vivem no campo das hipoteses.

A respeito de nadar—nada.

Os unicos que ainda dão sinais de vida são os waterpolistas da Federação dissidente, com os seus conflitos de pancadaria hebdomadaria.

E disse...

\*\*\*

Dempsey bateu Sharkey por knock-out, ao setimo round—habilitando-se a um novo encontro com Tunney para o titulo mundial de box.

A victoria do Dempsey deu motivos a furiosas discussões sobre a arbitragem. Fala-se em golpes baixos e na parcialidade do juiz.

Sobre parcialidades de juizes de box, a historia mais curiosa é a da-quele arbitro que, vendo o seu favorito no chão, começou a contar os segundos com uma extraordinaria lentidão, para dar tempo ao pugilista para voltar a si.

Foi num match que ficou celebre, entre Maher e Mike. O juiz animava Mike, estendido por terra, interpolando na contagem frases cada vez maiores:

—Um! Dois! Levanta-te homem! Três! Levanta-se preguiçoso! Quatro! Parece mentira, Mike, que te deixes vencer assim! Cinco! Olha que está toda a gente a assobiar; devias ter vergonha! Seis! Parece que não tens o menor amor proprio! Que desgraça do homem! Sete! Então ficas estendido toda a vida? E's um homem ou um farrapo? Vamos, animal! Oito! Mas tu não vês a situação ridicula em que vais ficar? Fazes o favor de te levantar e de continuar o match! Que cobarde! Levanta-te, homem! Nove!

Nesta altura, o pobre Mike soergou-se e disse-lhe:

—Já devias ter percebido que me estás a chatear. Acaba lá, por uma vez, fazes favor!

E deixou-se cair de novo, entre as gargalhadas do publico.

\*\*\*

O actor Armando de Vasconcelos, de cujas predilecções desportivas falámos, na pagina da semana passada, a proposito do inquerito de Os Sports—é, ao que nos informam, um grande apaixonado do automobilismo.

Ha tempos, dirigindo-se a Lisboa a toda a pressa, por motivo dum ensaio geral, teve, em Leiria, um grande desarranjo no motor. Enviou logo para a capital o seguinte telegrama: Teatro São Luís — Panna Leiria. Impossivel chegar hoje. — Armando.

\*\*\*

E, a proposito desta historia aproximadamente automobilista, devemos dizer que, sem amigos, não ha automobilismo possivel.

Os amigos, ou sejam os convidados que se supõe sempre serem amigos, representam o egoismo integral transportado de automovel.

Basta um exemplo, que é classico.

Quando, após um passeio, o gentleman chauffeur pára o carro diante dum restaurante ou dum hotel onde vai oferecer um belo almoço aos amigos convidados, estes descem do auto, levando cuidadosamente todos os objectos que lhes pertencem. Se um deles verifica que se esqueceu da bengala, não hesita em levantar-se da mesa para a ir buscar, com receio que lh'a roubara.

Quer dizer:—os convidados não podem suportar a ideia de arriscar a perda dum objecto cujo valor não excede vinte escudos. Mas é-lhe perfeitamente indiferente a subtracção do proprio automovel, que custou quarenta contos!

A parte isto, os amigos estão sempre dispostos, em caso de panne, a tomar uns ares aborrecidos e a procurar a estação de caminho de ferro mais proxima—deixando o camarada chauffeur toda a noite, sózinho, ás voltas com os mysterios da mecanica...

Rebola-A-Bola.

## CONTRASTES



Esperando um illustre "boxeur"

## CONTRASTES



Esperando um grande sabio

## JORGE, O ELECTRICISTA

OU

O plantador d'encalipos na Jamaica

(Romance d'aventuras anfibijs)

Original de M. A. Coco Velho

### Capitulo VI

A condessa de Poisson Epé, ainda bastante viuva, a determinada altura da viagem, notou que era atentamente observada pelo centenário Mixed Pikles, o qual possuia uma cadelinha de raça fox-trot, a que dava o nome de Miss Keating, e dum velho criado a quem o mesmo tratava por Corned Beef na frigideira.

A cadelinha não simpatizava com o cão da condessa, por este ter barbas á poeta Sevilha; porém a condessa simpatizava muito com a cadelinha e tanto assim que lhe dava frequentemente palitos de Oeiras e ventarolas com os retratos dos toureiros. Desta circunstancia nasceu uma certa familiaridade entre o centenário e a illustre senhora.

A condessa possuia uma linda voz de meio soprano entremiado, e todas as noites ela canalizava para o pavilhão auricular de Mixed Piples as mais inspiradas cavatinas do maestro Leon Cavallo y Pleno. Aquela voz, ao passar nos tímpanos do centenário,

deixavam scintillações d'alvorçada harmonia, produzindo-lhe contracções no d'afagma e estremeções no gramofone.

Mixed Pikles estava apaixonado. Não o demonstrava, porém, em virtude daquela ingenuidade propria aos americanos e aos electricos. A condessa divertia-se soberanamente com a falta de coragem do centenário e, sem que elle soubesse, enchia-lhe o camarote de couves-flôres.

Pikles ainda hoje as conserva.

Faltavam poucos dias para o fim da viagem sem que Mixed se resolvesse a arriscar uma frase suplementar, quando um acontecimento, quicá subito e inexplicavel, veio em auxilio do indeciso amante. Um navio de piratas abalroou com o paquete, entrando os malfeteiros no tombadillo armados uns de espingardas de tiro ao alvaro e outros de bombas em forma de laranjinha de Setubal. Era um ataque bolchevinista em forma. A confusão foi indiseritivel, ficando, após a Batalha, o Seculo e o Noticias, numerosos cadaveres cambaliando pelas paredes e alguns sem pés nem cabeça. Os piratas, em maior numero, ficaram vencedores, tendo fuzilado o paquete.

Entretanto, a condessa e Pikles, que se tinham refugiado no water-closet, conseguiram fugir no auto-clismo.

### Capitulo VII

Voltando á ilha deserta. Mademoiselle Plissé, ao saber que naquelas paragens viviam mais dois entes, ficou contentissima e logo pediu a Jorge para os visitar. Como não possuia

se toilette de cerimonia, fabricou com rafia um tecido opaco, do qual compôs uma saia que ajustou á cintura, atando-a com um bocão de gaita da Guarda Republicana.

A falta de chapéu, confeccionou uma especie de touca, servindo-se las fibras duma palmeira conhecida por cactus bravus palmirinha, utilizando-se, ainda dumas cabaças em forma de pirilau, que adaptou aos pés á laia de sandalias de chá-gran de bico, completando a toilette com uma larga folha de coqueiro, á guisa de guarda-sol e moscas.

Jorge tambem cuidou um pouco de si, dentro dos limitados recursos de que dispunha; todavia, utilizou uma panela velha, como se fóra um chapéu alto de Pins, serviu-se duma pele de onça, de francês, a que deu o feitiço de frak e, arrancando um tronquinho dum carvalho da silva, que manejou qual badine, ofereceu o braço á sua companheira, internando-se os dois no bosque. Davam doze horas no carrilhão da cospela e tabacos.

### Capitulo VIII

O testamento que o conde de Poisson Epé deixara foi energicamente contestado por seu filho, o joven marquês de Petit-Pois-Vert, filho illegitimo dele, conde, e duma balarina espanhola conhecida pela Concha da Sopa, especialista em Black-Bottom de ceroula. Contudo, o marquês estava perfilhado e, como não tivesse sido contemplado no referido testamento, apresentou a contestação. Reivindicava para si o direito á posse do Ascensor de São Justo, que

fôra legado por seu pai a seu irmão Alfonso Coste, para ele subir na vida rapidamente. O marquês nutria por seus irmãos, Alfonso e Ferdinand, um odio mortal, especialmente por aquelle. Motivos politicos tinham abalado a doentia sensibilidade do marquês, que para os esquecer se entregava ao desporto Ferreirinha com toda a alma gentil que te partiste.

### Capitulo IX

Foi penosa a marcha de Jorge e da dactilografa através da floresta virgem de pai e mãe, porque, como já referimos, os encalictos, muito unidos, apenas davam passagem de terceira classe a quem fosse diamantino delgado. Ora, Mademoiselle Plissé tinha de envergadura setenta e oito centimetros. Por vezes teve ella que se suprimir, tornando-se, quanto possível, Sardinha de lata.

Até meio caminho nada succedeu de atenção dos dois viajantes, que se anormal, mas, subitamente, um ruido de folhas sécas pisadas chamou a apertavam aterrados, tremendo como varas de vime.

Um enorme tigre de Bengala e chapéu de côco olhava-os tragicamente. Jorge sentia já o seu debil corpo transformado em filetes panados. Mademoiselle Plissé lembrou-se do sr. Clemenceau e dirigiu-lhe uma prece.

Como nas magicas, o tigre meteu-se pela terra abaixo, deixando uma cova funda, da qual saía um cheiro acentuado a extrato de uvas bastardinho.

(Continua).



- Eu só gosto de cavalos de carne.  
- E automoveis?  
- Tambem só dos de carne.



Palavras de Santo Agostinho:  
"Não percas o tempo porque as vidas são curtas."

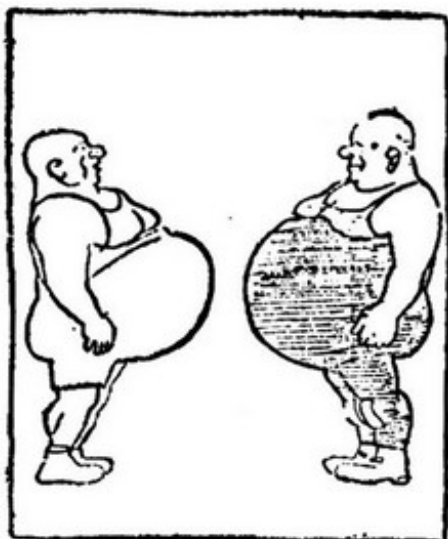


- Se no meu tempo houvesse destas danças, tinha eu agora mais de vinte filhos.



- Como pode o senhor atiançar que é um autentico Murillo?  
- Ora essa, se lh'o comprei ainda ante-ontem...

## COMBATE NULO



Os lutadores de Riga não conseguem nunca chegar ao «corp-à-corp»

(Do "Der Goetz", de Viena).